

Vardolo FH

MARCIO MOREIRA ALVES



de Brasília

O empelicado

• “Esse Fernando Henrique nasceu mesmo empelicado”, disse um dos 27 deputados que assumiram o mandato em substituição aos que foram eleitos prefeitos. Não me perguntem qual, porque até hoje não sei os nomes da maioria dos que vieram para Brasília pela primeira vez há dois anos e não vai ser de um dia para outro que vou memorizar os que surgiram com essa repescagem. Mas gravei a expressão na memória.

Nascer empelicado é uma forma muito antiga de assinalar uma pessoa de sorte, uma dessas sobrevivências do português clássico que se conservam nos sertões das Gerais e do Nordeste. Luís Câmara Cascudo, que sabia tudo sobre feitiços, sortes e bruxarias, informa que “empelicado se diz das crianças que nascem com a cabeça coberta duma membrana que os anatomistas chamam pelica, a qual o vulgo considera como presságio de fortuna”. Segue para dizer que, em 1591, na Bahia, a cigana Francisca Roiz denunciou Joana Ribeira por ter embruxado o seu filho, o qual nasceu empelicado, tirando-lhe a pelica, que levou para a sua casa. Lá, ela foi encontrada em salmoura, “para venda como amuleto poderoso, membrana da sorte, eficaz para as travessias marítimas, compradas a preço elevado por marinheiros e traficantes”. Quem tinha o amuleto não morria afogado.

Em Pernambuco, o folclorista Pereira da Costa registra que “os indivíduos que nasceram empelicados, ou choraram no ventre materno, são adivinhos e muito felizes; em ano bissexto não terão bexigas e serão mesmo isentos de moléstias contagiosas e da peste”.

A observação do deputado novo se justificaria pela sorte que tem sempre acompanhada a carreira do presidente.

Fernando Henrique foi senador por ter perdido a eleição para Franco Montoro. A legislação da época fazia o perdedor virar suplente. Quatro anos mais tarde, Montoro foi para o Palácio dos Bandeirantes e o suplente Fernando Henrique para Brasília.

No Congresso, a inteligência e cultura do novo senador impressionou fortemente um colega, também sortudo: Itamar Franco. Itamar, sem espaço para se reeleger em Minas, aceitou ser vice-presidente de Fernando Collor, cuja personalidade e inclinações morais eram o oposto das suas. Acabou presidente da República, como se sabe.

Entre uma hesitação e outra, o bom Itamar nomeou Fernando Henrique chanceler e Eliseu Resende ministro da Fazenda. Não tardou, a imprensa revelou as profundas ligações de Eliseu com a empreiteira Odebrecht, tornando a sua permanência na pasta moralmente impossível.

Fernando Henrique estava em Nova York, feliz da vida, gozando as peripécias da alta política internacional. Convidado para substituir Eliseu, recusou. Itamar não aceitou a recusa e nomeou-o assim mesmo.

O novo ministro, que jamais pensara em planos antiinflacionários, foi apresentado pelo amigo e economista Bresser Pereira, editor da “Revista de Economia Política”, a quem já trabalhara um projeto detalhado: André Lara Rezende e Pêrsio Arida.

Ministro por acaso de um presidente improvável, Fer-

nando Henrique tornou-se, por intuição, o São Jorge que matou o dragão da inflação. São Jorge, candidato à Presidência, é imbatível, como descobriu o até então favorito da eleição, Luís Inácio Lula da Silva.

Pronto: está explicada a observação do deputado novo. Será?

Longa vida a Paulo Maluf, são os votos de todos, correligionários do PPB ou não. No entanto, a cirurgia que sofreu para extirpar a próstata cancerosa coloca na cabeça de muitos políticos de seu partido o cálculo sobre a sua expectativa de vida.

O PPB, tal como o PDT de Brizola no passado, só tem um motivo para existir: levar o seu chefe, Paulo Maluf, à Presidência da República.

Os urologistas afirmam que o câncer da próstata é curável quando detectado cedo e controlável através de quimioterapia. A sobrevivência de quem sofre da doença costuma ser longa, podendo chegar a 15 ou 20 anos.

A reeleição é a principal preocupação dos deputados: a deles própria. Pertencer à base de sustentação do presidente da República, o atual ou o futuro, pode ajudar muito essa reeleição, a que lhes interessa. Diminuindo ou eliminando-se a possibilidade de Paulo Maluf chegar lá, o seu controle sobre a bancada do PPB diminui muito. Logo, o seu posicionamento contra a emenda da reeleição torna-se, na prática, ineficaz.

Por isto é que o deputado disse que Fernando Henrique nasceu empelicado. A operação de Paulo Maluf e as dúvidas sobre a solidez de sua saúde vieram na hora certa: suficientemente antes da votação para que cada um fizesse os seus cálculos. Como a direita e a centro-direita não têm opção melhor para 1998, a tendência é optar por um candidato com o qual têm convivido proveitosamente.

Foi pensando nesta hipótese que o deputado novo disse que Fernando Henrique nasceu empelicado. Vai se ver, tinha razão.

Desperdício

Dois helicópteros Superpuma, da Aeronáutica, foram deslocados do Rio de Janeiro para Fernando de Noronha, a pedido da Casa Militar da Presidência. Os seus tripulantes, cinco para cada aparelho, voaram, ao todo, 27 horas, sendo que por quatro horas, ida e volta de Natal ao arquipélago, voaram sobre o oceano, onde não teriam socorro em caso de pane. Além do combustível e do desgaste dos motores, o Governo gastou diárias e horas extras com os tripulantes. A idéia era que Fernando Henrique poderia querer ir de helicóptero para a praia. Os aparelhos também poderiam servir em caso de pane de seus dois aviões.

Segurança não tem preço, dizem os responsáveis pela integridade física do presidente. Não tem preço, mas tem custos. No caso, um custo de desperdício.